

A Missa estava quase a terminar quando Rafael finalmente chegou. Varreu a entrada à cabeça de uma turba de assistentes e pupilos, e a confusão junto ao portal da Igreja fez voltar as cabeças de todos os presentes. Os ociosos sentados nos bancos traseiros, que ainda não se tinham calado durante toda a cerimónia religiosa naquele modo descontraído típico dos Florentinos — para eles a Igreja não passava de mais um lugar público que, à excepção dos altares e capelas, era tão secular como qualquer outro — pararam com as conversas, acotovelaram-se mutuamente de maxilas caídas. Os mestres e os pupilos presentes na congregação olharam para trás, todos ao mesmo tempo — à excepção de Miguel Ângelo que continuou sentado, sem mexer um dedo, na extremidade do banco da frente, exactamente com a mesma pose que mantivera durante a missa (pose essa que Pasqual desenhou sem dar nas vistas), sem se dignar a olhar para trás, na direcção do seu rival, como se não quisesse dar-lhe a satisfação de o ter reconhecido. Mesmo o padre fez uma pequena pausa, antes de prosseguir com a bênção aos fiéis, no meio do tinir de muitos sininhos. Enquanto Rafael e os acompanhantes despiam as capas protectoras da chuva para revelarem túnicas bem à moda e cozidas à máquina, gibões e perneiras, a orquestra de seis instrumentos lançou-se numa versão arquejante do *Agnus Dei*, o idoso *castrato* a acompanhá-la com um atraso de um meio-tempo. Quase todos os presentes começaram a sussurrar uns com os outros.

Rosso deu um encontrão ao Pasqual e murmurou-lhe ao ouvido:

— O segundo filho preferido de Deus agradeceu-nos com a sua visita!

Pasqual não conseguiu impedir-se de virar a cabeça, na direcção do grande pintor. Rafael estava sentado, muito à vontade, no meio dos seus assistentes. Alguns deles até já poderiam ser mestres de pleno direito, se não tivessem escolhido servir Rafael. E porque não haveriam de o fazer? Rafael ganhava mais do que qualquer outro artista de Roma ou da Republica Florentina, e por isso mais ainda do que qualquer outro vindo da Europa e do Novo Mundo. Tal como Miguel Ângelo, Rafael tinha-se entregue de alma e coração aos ditames da Nova Era. Nestes tempos de individualismo, tornara-se num homem sem par. Só aceitava as comissões que queria, e a fama adquirida fazia com que os ricos, tanto os nobres como os burgueses, se digladiassem pela graça dos seus favores. Os pobres, esses, decoravam as casas com gravuras que vagamente representavam os seus trabalhos. Não havia em lado algum artista com tal prestígio. Miguel Ângelo fazia o que lhe dava na gana e por causa disso disputava-se com os seus clientes, mas só Rafael era capaz de fazer com que eles recebessem aquilo que queriam, enquanto continuava a pintar à sua vontade.

— Voltou às raízes para se certificar que elas eram tão más quanto se recordava!
— Explicou Rosso.

— Pagou o seu florim, — replicou Pasqual, querendo dizer que Rafael tinha o direito de ouvir a missa com a Confraria Florentina de Artistas no dia do santo padroeiro, porque tinha assinado o seu nome no Livro Vermelho e pago a devida cota. E porque Pasqual estava desejoso de pisar a vista em Rafael, agora via-se na necessidade de o defender:

— Nesse caso, deve ser o único! — Comentou Rosso, e não estava muito longe da verdade. O Livro Vermelho da Confraria registava mais devedores a São Lucas do que credores, dado que pouca gente havia que se desse ao trabalho de pagar um florim para se tornar num mestre creditado de uma corporação que já tinha passado por melhores dias, enquanto pessoas como Rafael Sanzio de Urbino ou Miguel Ângelo Buonarroti, não necessitavam de nenhuma confraternidade para defenderem os seus interesses. Pasqual tinha escutado os resmungos do Mestre Andrea, quando a procissão estava a

enfiar-se pela porta da Igreja, e ouviu-o dizer que neste momento ainda valiam menos do que a corporação dos mata-ratos. Em tempos que já lá vão, a rua inteira onde estava localizada esta igreja de Sant’Ambrogio costumava estar repleta com uma alegre procissão, onde todos os presentes vinham até aqui só para contemplarem um único quadro produzido pelos estúdios de Cimabue. Onde estava agora esse entusiasmo?

As bandeiras, porém, continuavam a brilhar, embora as cores do tecido já estivessem esbatidas, o pano muitas vezes remendado, mais velhas ainda do que o presente século. Porque mesmo no interior desta igreja notava-se ainda a presença da Idade de Ouro, nos tempos em que todas as imagens cantavam directamente a Deus. Sobre o primeiro dos altares via-se um fresco escamado a representar a Anunciação e, em melhores condições do que este, um outro fresco lindíssimo, sobre o segundo altar, representava a Madonna sentada no seu trono celeste, na companhia de São João Baptista e São Bartolomeu. Este tema repetia-se no terceiro altar, onde desta feita a Virgem aparecia retratada em toda a sua glória, rodeada por uma fileira de santos. A folha dourada dos frescos bruxuleava à luz das velas, dando a ilusão de que a igreja era maior do que a realidade, tal como as cintilações de um lago visto através das árvores lembram o mar.

Pasqual arranjava-se para conseguir ficar sentado o mais próximo possível de um dos melhores trabalhos da igreja. Situado num nicho entre o terceiro e o segundo altar, havia um pequeno medalhão da Anunciação pintado durante a Idade do Ouro por Lippi, antes da tomada de poder dos Artífices. Durante a maior parte da missa, uma cerimónia completa paga por assinatura por tudo quanto era mestre, devedor e credor (Rosso tinha-se fartado de resmungar por causa destas imposições), Pasqual deixou-se ficar com os olhos fixos naquele postigo que dava para um outro mundo, um mundo feito de cores claras e linhas escuras. A solene aceitação da Madonna na sua janela, o rosto e respectivo porte a exprimirem a quarta das cinco Louváveis Condições da Virgem Santa, tinha por nome *Humilatio*; a linha dourada que ligava a pomba do Espírito Santo ao regaço da Nossa Senhora; e o anjo Gabriel ajoelhado no jardim no meio das flores primaveris. O anjo, acima de tudo. Pasqual colecionava anjos. À excepção das asas (que apesar dos traços dourados das nervuras, pareciam ter sido directamente modeladas a partir das asas de um pombo; Pasqual já tinha visto outra das Anunciações desenhadas por Fra Lippi, onde o anjo possuía asas de pavão, sem faltar nada, nem mesmo o olho de Argus), este poderia ser um simples jovem vindo de uma dessas grandes casas dos tempos de Lourenzo o Desafortunado. Aparentava ter cerca de quinze ou dezasseis anos, a pele era pálida, o rosto esguio e sonhador, os olhos azuis e pestanudos. Vestia um daqueles fatos sumptuosos, típicos desses tempos requintados. Despido de todo o exotismo superficial, bem poderia ter sido um diácono ou apenas um pajem. Mas o que mais chamava a atenção de Pasqual, aquilo que ele já por duas vezes tentara fixar num pedacinho de papel, era a expressão do anjo. Tinha uma concentração extática, partilhada entre a tristeza de saber o fardo que o Menino Jesus haveria de carregar, e a alegria dessa união entre o Céu e a Terra estar enfim prestes a ser consumada.

Ou pelo menos era assim que devíamos interpretar a imagem, pensou Pasqual. Mas como seria possível capturar os verdadeiros sentimentos de uma criatura ao mesmo tempo superior aos homens (dado que se encontrava mais próxima de Deus do que qualquer um dos santos abençoados) e inferior, (porque apesar de comandar legiões de anjos, Gabriel era, ao fim e ao cabo, pouco mais do que um mensageiro, um intermediário que transportava a Divina Palavra de Deus, sem que fosse o Verbo em si mesmo, apenas o seu recipiente: servir não fazia parte da escolha livre dos anjos, pois não era verdade que a recusa implicava a perdição?) Pasqual já andava a matutar neste assunto desde que a encomenda para a sua obra-prima lhe tinha vindo parar às mãos.

Pietro di Cosimo, que o jovem gostava de considerar como o seu mestre secreto, tinha-lhe confiado, num raro momento de lucidez, para pintar com sinceridade ou deixar-se disso de uma vez por todas. Mas como é que era possível pintarmos a verdade quando esta ultrapassa a mera compreensão humana? Como é que se pode reproduzir o rosto de um anjo?

A resposta de Fra Lippi a esta pergunta fora reproduzir o seu anjo na forma de um belo cortesão; precisamente a mesma da maioria dos pintores da Idade do Ouro. E também de todos os artistas florentinos que tinham pintado pelo menos uma Anunciação, tema aliás bastante popular porque as festas da Anunciação como as do Ano Novo calhavam no mesmo dia, a vinte e cinco de Março. Mas agora a Idade do Ouro chegara ao fim, tão estilhaçada pelas maquinarias dos artífices, como a própria realidade. Estávamos na Nova Era que exigia a presença absoluta do génio ou então coisa nenhuma. Na sua juventude, Rafael tinha pintado anjos como uma idealização de um ideal, sem se servir do melhor ou mais belo cortesão, mas sim daquele tipo de jovem perfeito saído dos diálogos imaginários de Castiglione. Dizia-se por aí que, quando Rafael pintava, conseguia capturar não só os matizes do rosto do modelo, mas também todos os seus pensamentos e personalidade. Mas já não pintava anjos desde a sua aprendizagem, à excepção da fuga de São Pedro do cárcere e essa apenas num fundo de sombras. Se o maior pintor do mundo se escusava a esta tarefa, como é que podia Pasqual responder ao desafio?

Durante um certo tempo Pasqual guardou esta visão juntamente com o pequeno painel que preparara para o efeito com minuciosos cuidados, mas a verdade é que havia muito que não lhe dava uma pincelada com vista a terminá-lo. Vira, ou julgara entrever, mais do que a mera beleza, ou mesmo o seu ideal, sem saber por onde haveria de começar para conseguir atingir os seus objectivos. Tudo o que sabia é que fracassar neste projecto implicava o fracasso de uma vida inteira e que só o grande pintor Rafael poderia entendê-lo.

O pobre do Piero di Cosimo, ensandecido pelas Dr.ogas, com as suas histórias de criaturas vindas de mundos que se entrecruzavam com este, compreendia-o mais do que a maioria das pessoas, mas a verdade é que por muitas que tivessem sido as aventuras nas costas distantes do Novo Mundo, o seu modo de perceber as coisas continuava a pertencer ao Velho; era-lhe difícil fugir ao treino básico. Quanto ao Rosso, Pasqual pouco ou nada lhe tinha dito sobre o tema do quadro, quanto mais da sua secreta visão do Belo. Rosso era mestre na resolução dos problemas técnicos, questões de perspectiva e da plasticidade do espaço, das rápidas decisões necessárias quanto se pintavam painéis *a tempera*, e exímio nas audazes revisões que as fórmulas dos novos pintores Flamengos e Prussianos tinham trazido às cores a óleo, mas embora fosse um bom homem e um mestre generoso, era um indivíduo amargurado pela sua sorte e bem mais conservador do que ousava admitir. Não se cansava de dizer que os artistas eram artesãos em primeiro e último lugar.

Soaram os sinos quando se ergueu a hóstia; acompanhando os mestres da Confraria (Rosso, que se tinha esquecido de confessar, teve de ficar para trás), Pasqual e os outros pupilos alinharam-se junto ao corrimão para tomarem um golo de vinho da cor do sangue e levarem à boca a moedinha da hóstia feita carne transubstanciada. Quando se levantou, com a hóstia a dissolver-se sob a língua, adocicando o gosto ferruginoso do vinho, reparou que Rafael estava humildemente ajoelhado no fim da fila, num gesto tão democrático que o fazia igualar-se ao mais comum dos mortais.

Terminada a comunhão, ditas todas as orações, entoada a despedida, os fieis começaram a dirigir-se para o fundo da igreja, misturando-se com os retardatários e os burgueses que aguardavam pela missa do meio-dia, que haveria de começar logo que

esta terminasse. Entretanto, os pupilos reuniam as bandeiras. Quando conseguiu enrolar a sua, Pasqual pediu a um dos pupilos do Mestre Andrea se não se importava de a levar consigo. A verdade é que tinha visto Rafael, a descer a nave lateral, embrenhado numa conversa com alguns dos mestres.

O pupilo, um indivíduo alegre que respondia ao nome de Andrea Squazella, respondeu:

— Já que Deus tem conhecimento da morte de um único pardal, pode ser que Rafael se digne a olhar para ti. Mas olha que ele só vai ver outro pardalito!

— Espero ser bem mais do que isso!

— As tuas ambições são bem conhecidas! Quanto ao teu talento... — E como Rafael estivesse a passar por perto, Andrea agarrou Pasqual e comentou, com um alarme fingido: — Coragem, não desfaleças! Ele não é mais do que um homem!

Rafael era de altura mediana, com um rosto pálido e prazenteiro e cabelos encaracolados, à altura dos ombros. A túnica negra, gibão e calções eram feitos dos mais caros tecidos holandeses, com um corte caríssimo de viés. Neste momento estava a gesticular para reforçar um qualquer ponto da conversa. Os dedos eram esguios como os de uma mulher, e tão compridos que pareciam ter uma terceira articulação.

Pasqual respirou fundo quando o pequeno grupo passou por eles:

— Apenas um homem!

— Ali vai alguém com uma opinião diferente! — Comentou Andrea. — O Mestre Miguel Ângelo considera que o teu Rafael é algo definitivamente inferior ao homem. Um piolho, talvez!

Miguel Ângelo continuava a abrir caminho pelo lado oposto da igreja, com a cabeça escarpada erguida bem alto, logo seguido por dois dos seus assistentes. Parecia um vaso de guerra a aproximar-se do porto, fugindo à tempestade, escoltado por duas corvetas.

— O meu mestre diz que Rafael lhe roubou as ideias, — econfiou Andrea a Pasqual.— Mostraram-lhe em segredo a capela Sistina, logo que Miguel Ângelo terminou os trabalhos na abóbada e ele foi logo a correr repintar o profeta Isaías, de modo que o quadro parecesse tratar-se de uma colaboração, embora Miguel Ângelo não fizesse a menor ideia da sua existência. O teu Rafael nunca improvisou nada. Não passa de um simples aperfeiçoador!

— Se queres dizer com isso que a sua inspiração começa onde a dos outros termina, então a minha começa juntamente com a dele. — Respondeu Pasqual e Andrea soltou uma gargalhada, acusando-o de não ter vergonha nenhuma na cara.

— Estou desesperado! Como é que vou conseguir falar-lhe?

— Diz-lhe que gostas do seu trabalho! — Recomendou Andrea, sempre sensato. — Ou melhor ainda, deixa que o meu mestre vos apresente. Vá lá, Pasqual. Se não te puseres ao lado dele vais ter de gritar, e isso é uma coisa que não se faz! Mesmo numa capela florentina!

Andrea era natural de Urbino e considerava que todos os florentinos eram uns rústicos, particularmente pela maneira como conversavam em voz alta durante a missa, mesmo nos dias feriados.

Neste preciso momento o grupo com Rafael ao centro estava quase junto à porta. Alguém entrou enquanto Pasqual se apressava e foi como se uma brisa forte tivesse afastado uma cortina de folhas, porque as pessoas em torno de Rafael desviaram-se e recuaram, deixando-o a sós frente ao recém-chegado.

Era um homem corpulento, de meia-idade, vestido com trajes que seriam adequados a alguém vinte anos mais novo: uma capa curta e cinzenta, maculada com gotas de chuva fuliginosas, uma camisa branca com os laços desapertados e um gibão

exagerado, com um tamanho fantástico, cheio de chumaços e retalhos, do tipo que os estudantes prussianos costumavam apreciar e calções multicoloridos. O rosto nervoso ainda conseguia manter um traço da beleza da juventude, tanto no perfil como na dobra amuada dos lábios carnudos. Os cabelos encaracolados ainda eram espessos; penteados de um modo extravagante, caíam-lhe sobre os ombros.

Pasqual reconheceu-o logo: tratava-se de Giacomo Caprotti, alcunhado de Salai, o catamito Milanês do Grande Engenheiro. Percebeu também que o homem estava completamente bêbado. Recuou um passo, mas mesmo assim Salai deu-lhe um encontrão.

— Vê lá se olhas por onde andas, — exclamou Salai, — e se prestas mais atenção quando os teus superiores passam por ti!

— Lamento muito, Signor, — retorquiu Pasqual, — mas não consegui dar-me conta da alta opinião que tendes de vós próprio!

Apeteceu-lhe dizer muito mais, mas um dos assistentes de Rafael, Ciulio Romano, um brutamontes de idade madura, agarrou no braço de Salai. Virou-o de lado e disse-lhe num sussurro:

— Aqui não! Não estamos no lugar certo!

Salai libertou-se com uma sacudidela e ajeitou as mangas:

— Tendes razão, mas a verdade é que não vos vi na torre e desejava prestar os meus respeitos, se possível!

Romano levantou os braços ao céu.

Salai virou-se para os outros e comentou, numa eloquência arrastada:

— Peço-vos milhões de desculpas por ter faltado à vossa pequena reunião. Dirigi-me ao local errado, ou seja, ao lugar onde vós costumáveis festejar a missa do feriado, quando a vossa presença ainda significava alguma coisa em Florença. Fartei-me de andar à procura desta igreja, encantadora é certo, mas situada num lugar um tanto ou quanto obscuro. Em boa verdade quero lá saber, pois só estou aqui para representar o meu mestre! Há muito que ele pagou a sua cota parte, quando abandonou os gatafunhos para responder à sua verdadeira vocação. — Salai virou-se para Rafael. Mal conseguia focar os olhos. Mesmo assim conseguiu dizer: — Então, ó pintor! Desta vez o cão aparece à frente do dono? Os meus parabéns pela escolha do vosso fato, Signor Rafael, e de todos os que vos acompanham! Não sei bem porquê, mas nestas circunstâncias, o luto parece-me apropriado. Os vossos artistinhas tiveram um dia em cheio, mesmo vós, Signor Rafael! Mas está próximo o dia em que nosso trabalho brilhará com mais intensidade, ao ponto de conseguir captar a luz verdadeira do mundo!

— Se trazeis uma mensagem do vosso mestre, chegou a hora de a transmitir! — Disse outro dos assistentes. — O Mestre Rafael está demasiado ocupado para se preocupar com tantas banalidades!

— Ocupações do coração, aposto! Mais uma daquelas paixonetas que costumamos ler nas páginas das gazetas. Ora bem, não vou ser eu quem se vai meter em frente dos caminhos do amor!

— Ninguém vos enviou, — comentou Rafael com uma gargalhada. — Pois não?

Salai rasgou a boca num sorriso, como se estivesse a divertir-se enormemente com o facto de ter sido descoberto:

— Bom, convenhamos que não!

O segundo assistente comentou:

— Se bem me recordo, Lorenzo de Medici foi assassinado numa igreja!

— Caluda! — Disse Giulio Romano.

Salai aflorou com a mão o punho do florete francês que trazia pendurado ao cinto brocado de prata:

— Signor, podemos ir lá para fora se isso vos convier. Posso mesmo ficar à espera que vos arneis!

Houve um momento de silêncio tenso, porque Salai tinha fama de ser bom espadachim. O assistente enrubesceu e desviou a cara.

— Vai-te embora, — disse Romano. — Vai-te embora, Salai! Esta não é a hora nem o local certo!

Rafael acrescentou, com um sorriso benigno:

— Aqui está a vossa audiência, Signor Salai. Dizei o que tendes a dizer!

Salai curvou-se em reverência:

— Espero não ter nada para dizer, Signor... não, *Mestre Rafael!* É essa a questão. Vamos em breve ser abençoados pelo primeiro dos Medicis a pôr os pés no interior dos muros de Florença desde que foi fundada a República. Seria lamentável que esse primeiro passo fosse ofuscado por um novo escândalo!

— Não tenho esses receios, Salai. E muito menos por causa de uma dessas velhacarias saída da vossa cabeça!

Salai piscou um olho e meteu o dedo no nariz numa paródia grosseira de intimidade:

— E a honra de uma certa senhora...?

— Meros boatos, — replicou Rafael no preciso instante em que um dos assistentes resolveu investir, com as mãos postas na adaga enfiada no cinto.

Salai recuou num passo de dança, de súbito mesmo nada bêbado, com o rosto atento eivado de uma inteligência maldosa.

— Esse palitinho não vai servir-te de nada, meu bom amigo! Sugiro que te sirvas dele para limpar as unhas...olha que elas não deviam estar a fazer parceria com o resto do teu fato!

Romano poisou a mão no ombro do seu companheiro. Os membros do grupo do Rafael, instigados por este gesto, começaram a escarnecer e a bater com os pés no chão. Uns quantos membros da Confraternidade, Mestre Andrea incluído, começaram também a gritar, a dizer que isto era uma vergonha, uma vergonha que haveria de cair sobre a honra de Florença, quando um dos seus cidadãos insultava um convidado. Salai olhou para todos os presentes, inclinou a cabeça num gesto profundo e trocista, antes de lhes virar as costas e marchar através da porta.

Os velhos mestres começaram a desculpar-se perante Rafael; um pouco mais à parte, Rosso estava embrenhado numa conversa com Giulio Romano. Pasqual tentou abrir caminho à força, mas os acompanhantes de Rafael cerraram fileiras em volta do seu mestre e, como se fossem um só corpo, cruzaram as portas altas da igreja e mergulharam na tarde sombria e chuvosa. Quando o jovem se atreveu a segui-los, Mestre Andrea virou-se na sua direcção e disse-lhe num tom bondoso:

— Ele vai ficar por cá até o Papa se ir embora, Pasqual. Tenho a certeza que ainda vais ter uma oportunidade para falar com ele, mas agora não, está bem?

Pasqual segurou-o pela manga:

— O que é que Salai quis dizer quando levantou a questão da honra de uma certa senhora?

— Conheces bem o tipo de maldades que o catamito do Grande Engenheiro gosta de praticar... — Explicou vagamente Mestre Andrea. — Há quem diga que as mulheres são a fonte de todos os males. Ou assim diriam, se os deixassem... — Em seguida enfiou a touca de quatro cantos sobre a cabeça grisalha, sacudiu as abas largas da túnica e apressou-se a acompanhar o grupo que já ia longe. Um par de pombos detonou em voo logo à sua frente: as tais asas angelicais.

Durante alguns momentos Pasqual ficou a observar os pombos, ensopado pela chuva tão doce quanto poluída, até Rosso abandonar a igreja. O jovem reparou no rosto pálido e ansioso do seu mestre e disse-lhe:

— Não achas que devíamos acompanhá-los? O jantar em honra de Rafael...

— Deixa lá os velhotes irem à frente e brincar com a comida! — Respondeu Rosso. — Nós dois precisamos de beber uns copos!